

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

**ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)****MILL IN URBAN: reflections on Riverlândia (Goiás) case****RESUMO:**

Neste texto, busca-se discutir as particularidades e potencialidades de um “Engenho Urbano” existente na paisagem do distrito urbano de Riverlândia, localizado a setenta quilômetros da cidade de Rio Verde (Goiás), na bacia do Rio Cabeleira. Este trabalho prioriza, também, uma reflexão buscando compreender se o saber fazer é valorizado pelos poderes públicos e qual o significado de um engenho urbano com seus traços de ruralidade. Para construção do trabalho foram fundamentais: o levantamento do referencial teórico, os trabalhos de campo, levantamento fotográfico, entrevistas informais apresentadas nas linhas e entrelinhas deste texto. Entre os resultados apresentados está o contexto histórico de formação do engenho urbano, fundado no dia 12 de Abril de 1980, e sua importância como potencialidade e particularidade contemporânea. Entre os autores em destaque estão: Claval (1999), Barretto (1995), Yázigi (2002), Bezzi (2004), Carlos (1996), Coriolano (2009), Della Mônica (1999), Tiradentes (2012), Santos, Garcia e Santos (2009) e Silva e Santos (2015).

Palavras Chave: Trabalho Artesanal; Povoado; Cerrado.

ABSTRACT:

This paper aims to discuss the characteristics and potential of a "Skill Urban" within the landscape of the urban district of Riverlândia, located seventy kilometers from Rio Verde (Goiás), in Rio Cabeleira basin. This work emphasizes also a reflection in order to understand if the expertise is valued by the government and the meaning of an urban ingenuity with its traces of rurality. For construction work were fundamental: the lifting of the theoretical

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

framework, field work, photographic survey, informal interviews presented in lines and lines of this text. Among the presented results is the historical context of formation of urban ingenuity, founded on April 12, 1980, and its importance as potential and contemporary feature. Among the featured authors are: Claval (1999), Barretto (1995), Yázigi (2002), Bezzi (2004), Carlos (1996), Coriolano (2009), Della Monica (1999), Tiradentes (2012), Santos, Garcia and Santos (2009) and Silva and Santos (2015).

Keywords: Working Hand; Town; Savana.

INTRODUÇÃO

Neste texto, busca-se discutir a diversidade, particularidade e potencialidade do “Engenho Urbano” existente na paisagem do distrito urbano de Riverlândia, localizado a setenta quilômetros da cidade de Rio Verde (Goiás), nos sertões da bacia do rio Cabeleira. Nessa região predomina o agronegócio em grandes propriedades, mas nesse pequeno povoado é possível encontrar saberes e fazeres de um tradicional modo de vida sertanejo e rural. Para tanto, será apresentado à produção local e suas dimensões de sabores que é uma referência à tradição dos sertões do bioma Cerrado, preservando a rusticidade do lugar como atrativo de base local.

Os saberes e fazeres encontrados pelos sertões do interior do Brasil como uma prática social e cultural é uma das criações humanas que são construídas a partir de um modo de vida, onde as pessoas do lugar envolvidas encontram as condições de se constituir como ser social, de enfrentar suas dificuldades cotidianas e de reproduzir suas humanidades. É a partir dessas concepções que surgem estudos acerca dos lugares e territórios que desenvolvem o trabalho manual ou artesanal (SILVA; SANTOS, 2015).

Nesse sentido, o Engenho Urbano de Riverlândia aparece em destaque com suas representações que estão na base dos estudos desenvolvidos na ciência geográfica, porém, invisível ou negligenciada pelas políticas públicas do município de Rio Verde (GO), ao referir-se ao lugar como destino de turismo cultural de base local. Aportando nessa vertente teórica, pode-se dizer fundamentado em Zuin e Zuin (2009) que a cultura é constituída pelo conjunto mediador de instrumentos (utensílios e demais materiais) e pelo arcabouço de normas que regem os diversos grupos sociais (ideias, artesanatos, crenças e costumes), todos esses advindos dos signos criados pelo homem.

Ao se considerar a cultura, seja ela simples ou complexa, estaremos sempre em presença de um vasto aparato material e sócio. Juntamente com o surgimento da cultura nasceram:

[...] as tradições, a fim de que ajudassem o homem a transmitir os saberes construídos historicamente. Tais tradições buscavam ainda preservar a história

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

particular de uma família, de uma geração, de uma região e de um país. Desta forma, o homem também inventou as tradições, utilizando a história como amálgama para a interação e coesão social entre eles. (ZUIN; ZUIN, 2009, p.80).

Para os autores citados, o conceito de tradição está intimamente ligado à história de uma cultura. A tradição se manifesta por meio de valores, crenças e rituais transmitidos e conservados de geração em geração por meio de relações ensino-aprendizagem. Sendo uma forma de perpetuar conceitos e experiências, o trabalho artesanal, produzindo doces, melados, rapaduras e cachaças é uma tradição e deve ser analisado em seu contexto próprio local, pois é um elemento constitutivo da cultura, paisagem e das relações de aprendizado em diferentes contextos, locais e regionais (SILVA; SANTOS, 2015).

Neste viés, “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte [...]” (CLAVALL, 1999, p.63), expondo tradições e particularidades de pequenos núcleos urbanos, como Riverlândia e seu entorno rural envolvido por outras lógicas que não o agronegócio.

Diante desses argumentos, sabe-se que os arranjos e a capacidade de envolvimento das pessoas são fundamentais para a produção tradicional artesanal: doces, crochê, bordados, entre outros. Muitas das vezes apresentando um sentido comunitário nos esforços para o preparo de produtos não visto na produção capitalista, pois essa visa somente o lucro e não a sociabilidade e reciprocidade entre os membros de uma comunidade. Com esse viés, este trabalho prioriza, também, uma reflexão buscando compreender se o saber fazer é valorizado pelos poderes públicos e qual o significado de um engenho urbano com seus traços de ruralidade? Como surgiu o engenho de Riverlândia?

Nesse contexto, é necessário esclarecer que os estudos voltados para a temática cultural associada as vilas urbanas impregnadas por conteúdos de ruralidades, torna-se um grande desafio. Pelo exposto até então, é possível afirmar que a categoria de análise geográfica “lugar” estará situando a discussão aqui apresentada, permitindo compreender o processo de organização espacial, a partir do saber fazer e dos conteúdos de ruralidades colocados aqui como potencialidade local.

O termo lugar é um conceito relevante na geografia, pois traz diferentes abordagens e reflexões teóricas. Concomitante ao desenvolvimento teórico proposto traz se também o conceito de trabalho artesanal, revelando, intencionalmente, as relações de trabalho do engenho urbano de Riverlândia. Para construção do trabalho foram fundamentais: o levantamento do referencial teórico, os trabalhos de campo, levantamento fotográfico, entrevistas informais apresentadas nas linhas e entrelinhas deste texto.

Categoria Geográfica Lugar: discussão teórica

A preocupação com a discussão acerca da categoria geográfica lugar é também

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

apresentada na obra de Santos (1999, p. 111-121), que considera o vivido “como resultado de fatos que elevam o lugar como pertencimento, como uso do real”, isto é, “considerar o lugar como sendo a expressão de relações em que emerge o vivido, porque é nele que ocorre a unidade da vida social, seguramente, estaremos em condição de não banalizarmos as diferenças (p.121)”.

Segundo Carlos (1996, p.19), a redefinição do lugar emerge como uma necessidade diante do processo de globalização e é possível ainda pensar o lugar como singularidade observando-se as suas particularidades. O lugar é uma noção que se desfaz e se despertaliza diante da tendência ao homogêneo, pois é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões, é a porção do espaço apropriável para a vida (CARLOS, 1996, p.20-25).

Para Bezzi (2004, p.225), na atualidade, o território é formado “de lugares contíguos e de lugares em rede. Entretanto, embora os lugares, os pontos sejam simultâneos, ocorrem diferenciações funcionais divergentes e até opostas”. Neste sentido o lugar, denominado distrito de Riverlândia (Figura 1), pode ser considerado um palco de reprodução da vida, de vivência afetiva entre moradores e familiares locais. Apresentando seus saberes e trabalhos que são singulares, numa paisagem dominada por grandes lavouras e criação de gado. De acordo com essa autora:

[...] o lugar sempre envolve uma apropriação e uma transformação do espaço e da natureza, dos quais depende a reprodução e a transformação da sociedade no tempo e no espaço. Como tal, o lugar não é apenas aquilo que é observado na paisagem, mas o cenário para as atividades e a interação social (BEZZI, 2004, p.224).

Figura 1. Distrito de Riverlândia. Considerado um espaço urbano de tempo lento, se comparado com a sede de município, ou seja, a cidade de Rio Verde com seus mais de 200.000 habitantes.



Fonte: Vieira Santos, J. C. 2014.

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

A obra enfatiza que, se os fenômenos estão interligados na formação do lugar, então eles não estão submetidos a leis universais, mas variam de acordo com as circunstâncias históricas. Portanto:

[...] o lugar (a região) é caracterizado por uma “personalidade regional”, possuindo características físicas e humanas mediatizadas pelas relações de poder. Tais características e a forma como sobre elas atuam as relações de poder, permitem diferenciar-se os tecidos regionais (BEZZI, 2004, p.224).

Segundo Lopes (2012, p.27) “[...] não importa qual época estamos analisando na história, o mundo, a sociedade se define como um conjunto de possibilidades, e cada lugar têm sua diferença por realizar apenas uma perspectiva das muitas possibilidades que existe”. Assim o lugar se produz na organização e conexão de aspectos que o transforma em único, assim pode-se observar os atrativos de Riverlândia como únicos e que representam a cultura do povo local. Compreendendo os lugares das populações que habitam o Cerrado, pode-se dizer que seus habitantes:

[...] criaram e adquiriram objetos e estes foram sendo carregados de significados. [...] Saber analisar o significado social dos objetos é parte do processo de conhecimento de um determinado grupo social ou comunidade, pois eles também representam aspectos moral, das crenças e dos valores individuais e coletivos de seus membros (SANTOS; ALVES, 2005, p.87).

Pesquisando a obra de Santos (2013, p.14), pode se entender que essas abordagens sobre o conceito lugar movimentam outras teorias da geografia, discutindo até mesmo carências de grupos sociais, abordando as categorias região, território e paisagem. Nessa perspectiva, a debate em geografia também está vinculado “ao lugar, compreendido como um meio de interação social, histórico, ambiental e cultural (SANTOS, 2013, p.18)”.

Para Santos (2013, p.23), entender o lugar turístico implica na análise de “[...] suas conexões e funcionamento num dado espaço e lugar, identificando os laços que são estabelecidos com todos os elementos que compõem os cenários paisagísticos, repletos de produtos, patrimônios e personagens”. Diante dessa abordagem, Yázigi (2002, p. 24), ressalta que fazer turismo não é obrigatoriamente “frequentar lugares fabricados por sua indústria, mas dirigir-se para qualquer outro cotidiano repleto de rotinas dos outros, que por sua vez reivindicam um movimento inverso”.

Levando em conta essa afirmação, não se pode deixar de lembrar que o turismo desenvolvido nos lugares é um fenômeno social complexo, diversificado e “uma atividade que tem uma relação dialética com a sociedade. Do ponto de vista financeiro e dependendo da estrutura social do país em questão, o turismo pode ser uma atividade econômica geradora de riqueza (BARRETTO, 1995, p.71)”.

De acordo com Santos (2013, p.27), “não há turismo sem lugares, pois o lugar, além de suporte, é uma base conceitual para compreensão do fenômeno turístico”. O engenho de

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

Riverlândia compõe o lugar vinculado aos valores tradicionais de um sertão cerradoeiro, porém denominado pelas populações modernas de território ou paisagem do agronegócio.

Trabalho Artesanal nos Sertões do Cerrado: abordagem teórica/conceitual

Este artigo entende o trabalho artesanal no engenho de Riverlândia (Figuras 2 e 3) como patrimônio cultural do lugar, pois segundo Ghirardello e Spisso (2008 p. 13), patrimônio cultural é o conjunto de bens, de natureza material e/ou imaterial, que guarda em si referências à identidade. Mendes (2008, p.30) destaca que muitas comunidades identificam-se com as atividades nelas desenvolvidas, por vezes ao longo de décadas ou séculos, e como tudo o que lhes diga respeito, pelo que aquelas se apresentam com fortes elementos identitários, nesse contexto, o dito patrimônio tem um valor simbólico.

Figura 2. Estrutura interna do Engenho de Riverlândia. Faz parte da cultura do lugar.



Fonte: Vieira Santos, J. C. 2014.

Figura 3. Acadêmicos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG/Quirinópolis), durante trabalho de campo em Riverlândia no ano de 2012. O engenho do distrito foi um dos pontos visitados. Professores e acadêmicos aproveitaram para comprar os produtos locais.

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva



Fonte: Vieira Santos, J. C. 2012.

Nesse sentido, é possível dizer que toda produção artesanal (doces, rapaduras) faz parte dos bens imateriais que dão identidade e diversidade ao distrito, isto é, ao lugar. Santos, Garcia e Santos (2009, p.185) destacam que os patrimônios imateriais “são ativos importantes para o posicionamento de qualquer paisagem na oferta turística, pois são elementos com grande potencialidade de uso-fruto”. Assim alguns autores entendem que patrimônio cultural é tudo aquilo que o homem:

[...] criou e que por questões culturais inerentes ao meio em que se insere, se munuiu de valor para aquela sociedade. Cada bem cultural tem o seu próprio valor local e alguns adquirem também um valor mundial tornando-se dessa maneira Patrimônio Cultural da Humanidade (DIAS, 2005, p.23-24).

Neste viés, pode-se dizer que esse bem cultural imaterial é uma tradição e forma de manter os elementos de ruralidades ainda presentes no urbano de Riverlândia. Tiradentes (2012, p.11-12) lembra que essa lógica pode ser entendida como uma pluriatividade, ou seja, uma mescla de atividades agrícolas e urbanas. Para Della Mônica (1999, p.130-131) é preciso preservar nossas tradições, e o desafio está em transformar os valores e normas práticas do cotidiano. Pois sendo o Brasil rico demais em manifestações espontâneas, certamente oferecerá, com grande facilidade, esse caminho alternativo, ou seja, é preciso valorizar as produções locais e os saberes como o encontrado no engenho de Riverlândia.

Bueno (1996, p.75) traz em sua a definição que artesanato é “técnica e trabalho do artesão; arte de fazer objeto” e artesão é “artífice; operário; pessoa que faz artesanato”. Lima define de forma simples e objetiva o artesanato, destacando que:

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

Tomada em sua acepção original, a palavra artesanato significa um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer ser eminentemente manual. Isto é, são as mãos que executam o trabalho. São elas o principal, senão o único, instrumento que o homem utiliza na confecção do objeto. O uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando e se ocorre, se dá de forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância (LIMA, 2003, p. 01).

Pode-se, pois, afirmar que o trabalho artesanal é uma atividade que exige esforço físico e intelectual, pois é uma lógica que dá forma a objetos que saem do imaginário de sujeitos que tem seu conhecimento extraído de hábitos do cotidiano. A produção artesanal é permeada de uma série de valores que juntam sua concepção e o contexto em que é produzido:

O mercado artesanal, tal como está se sedimentando na atualidade, é um mercado mais complexo, pois nele subsiste com maior nitidez a dicotomia entre os componentes artístico-culturais, seu caráter político e ideológico e sua função econômica, como fonte de emprego. Isto quer dizer que existe uma correlação entre as formas de organização do trabalho, o tipo de produção e o nível sócio-econômico do consumidor dos produtos artesanais. (FERREIRA, 1995, p. 90)

Segundo Clara Lourido, a produção artesanal é nitidamente o contrário ao da produção industrial, pois o modo de produção artesanal se define pela baixa tecnologia e pela:

[...] impossibilidade de produção em massa: os produtos artesanais não podem ser produzidos em série e por isso apresentam diferenças que atestam essa especificidade do seu modo de produção. Diferenças produzidas pelas mãos e ferramentas rudimentares das pequenas oficinas artesanais; de alguma maneira, pela “carência” destes “empresários” que não possuem capital nem tecnologia. (LOURIDO, 2005, p. 10-11)

Sem perder sua essência de ruralidade, o Engenho Urbano de Riverlândia enfrenta o desafio de aumentar a visibilidade e a comercialização de seu artesanato mantendo os traços identitários, que fazem de sua produção uma particularidade do lugar, pois o artesanato é visto como uma forma de produção em que os trabalhadores desenvolvem uma forma de relação com o objeto de trabalho individualizado. Ou seja:

[...] o papel desses trabalhadores no processo produtivo coloca-os em uma posição importante face à construção do produto, que depende de sua capacidade e de seu conhecimento para ser criado. Mais ainda, o trabalhador das formas de produção artesanal necessita de um aprendizado que não é obtido na escola, mas na relação com o próprio trabalho. (RIBEIRO, 1983, p. 50)

Pode-se dizer que o trabalho artesanal do engenho de Riverlândia, é uma atividade chave desse pequeno núcleo urbano, privilegiando relações sociais típicas do rural no urbano, transformando a produção local em mercadoria a ser consumida por moradores e pessoas que

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

chegam ao lugar, visitantes ou até mesmo turistas. Para Coriolano (2009, p.160) o artesanato “pode ser direcionado para atividade turística, como forma de valorização do patrimônio cultural e das representações culturais do povo”. Nessa perspectiva de analisar o lugar com seu trabalho artesanal é preciso reconhecer que esse modo de vida tradicional e seu arranjo produtivo promovem o lugar.

Engenho Urbano de Riverlândia: uma potencialidade com suas particularidades

É importante lembrar, que a análise sobre a diversidade e potencialidade local, para a geografia, não perde a sua dimensão espacial humana e que essa discussão de base local é fundamental à vida dos homens, pois é “onde ocorrem as sensibilizações e sociabilidades dos sujeitos, por meio de práticas cotidianas, redes sociais diversas e formas de vidas que são componentes primordiais no ordenamento regional [...]” (SANTOS, 2010, p.244). Uma vez que o saber fazer pode ser colocado como uma forma de apresentar os lugares, no caso específico deste se aporta na imagem do engenho urbano de Riverlândia.

Apresentar o trabalho artesanal desse pequeno núcleo urbano é uma forma de chamar atenção do poder público local para uma habilidade que encanta, mas que não se faz presente nos projetos de desenvolvimento turístico do município de Rio Verde no interior de Goiás. Fazendo dessa comunidade e seu principal saber fazer marginalizados diante dos projetos de inventário e planejamento do turismo no município. O engenho urbano de Riverlândia é de propriedade do casal:

Senhor Augusto Gomes Teixeira e a Senhora Lazina Soares Teixeira, oriundos da cidade de Patos de Minas, no Estado de Minas Gerais. Em 1975 o casal deixa a cidade mineira de origem e vai para Santa Teresa no mesmo Estado, em seguida se alojam nas redondezas da cidade e vão trabalhar em fazendas. O motivo dessa migração foi o fato de sua cidade natal ter se desenvolvido e ocorrido uma grande expansão populacional. Como não se identificavam com o ambiente urbano, saiu em busca de um lugar onde pudessem ter melhor qualidade de vida. (Depoimento informal durante o trabalho de campo em 2013).

No dia 12 de Abril de 1980, o casal chega ao distrito de Riverlândia, onde permanece até o presente ano de 2015. Após completarem dois anos que se mudaram para o distrito no município de Rio Verde começaram a construir e trabalhar no Engenho (Figura 4), pois já conheciam as praticas desse trabalho artesanal, visto que já haviam desenvolvido essa atividade nos locais de moradia na região do Alto Paranaíba em Minas Gerais.

Diante dessas observações, pode-se afirmar que o engenho urbano de Riverlândia existe desde 1982, isto é, a mais de 30 anos. O casal de morador revelou durante os trabalhos de campo “[...] que com a implantação do engenho a renda do casal foi ampliada e com isso foi uma oportunidade de continuar mantendo seus costumes, exercendo suas tradições”. São produzidos no Engenho a garapa, o doce moça branca, o açúcar mascavo, a rapadura pura e as

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

rapaduras com frutas (banana, beterraba, coco e mamão).

Toda produção é comercializada no próprio engenho, nos comércios do distrito, e em cidades vizinhas como Quirinópolis, Santa Helena e Maurilândia, todas no interior de Goiás, mas segundo os proprietários seus produtos já foram vendidos para moradores de Rio Verde, Goiânia, Anápolis e Uberlândia (MG). “Esses eram viajante que passava pelo distrito e pararam para comprar nossas rapadura (Depoimento informal durante o trabalho de campo em 2013)”.

Figura 4. Produção de rapadura no Engenho de Riverlândia. Produção guardada no estoque, que fica na residência dos proprietários. Uma particularidade do lugar.



Fonte: Silva, Débora C. B. da. 2014.

Para Coriolano (2009, p.153), tal fato “promove a manutenção da história viva da comunidade”, podendo contribuir com uma rede de turismo solidário, caso seja implantado em Rio Verde e região. Outro termo que pode ser utilizado para definir a potencialidade do engenho de Riverlândia e do próprio lugar é:

Turismo rústico, uma vez entendido como aquele em que o turista possa comprar como produto a visita/observação da paisagem rural e das atividades tradicionais, como festas religiosas, festas populares, folia de Reis, dança da catira, produção de leite e produtos derivados, dentre outras. O turista pode também contemplar a paisagem rural e se hospedar na comunidade, caso esta ofereça uma pousada, observar a ordenha manual, tomar leite no curral, cavalgar ou passear de carro de boi ou carroça, fazer trilhas dentre outras possibilidades. (SOUZA; SANTOS, 2014, p. 486).

A matéria prima para a fabricação dos produtos do engenho, a cana de açúcar, na maioria das vezes é comprada, porém o dono do engenho cultivava esse produto no quintal de

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

sua residência, mas segundo ele é “uma pequena quantidade de cana (Depoimento informal durante o trabalho de campo em 2013)”. Convém esclarecer que o engenho é pequeno e rústico e que atualmente (2015) sua produção tem diminuído, pois o casal já é idoso e não consegue manter a mesma produtividade das décadas de 1980 e 1990. O casal tem dois filhos, somente um os ajudam na fabricação dos produtos comercializados no engenho.

Na contramão do sistema globalizado e virtual, essa vila no município de Rio Verde é, na essência de um contexto particular regional, espaço da técnica e da lógica do trabalho artesanal. De uma forma ou de outra, o que se percebe no território em que se localiza o engenho da vila goiana:

Los factores culturales, [...] responden a la acepción de patrimonio cultural y de cultura inmaterial. Y, si atendemos a las tipologías ya tradicionales, se trata de los recursos *litom* (restos arqueológicos, monumentos históricos, museos) y de los recursos *antropom* (artesanía, folclore, fiestas) (VERA; PALOMEQUE; MARCHENA; ANFON, 1997, p. 69).

Em Riverlândia, esse trabalho artesanal popular pode-se tornar uma oferta complementar ao produto “turismo cultural”, contribuindo com o desenvolvimento econômico e social de base local. Conforme Santos (2006), pode-se afirmar que o reconhecimento dessa potencialidade cultural dá origem, do ponto de vista dos estudos geográficos e turísticos, ao fato de formas particulares da cultura popular se relacionarem com especificidades de tempo e de lugar.

Diante disso, o trabalho artesanal se coloca como um fenômeno civilizacional suportado por cultura, história e por um sistema de símbolos e valores. De fato, a potencialidade cultural do engenho pesquisado deve ser visto “no âmbito de um paradigma [...], do patrimônio, da cultura”. (COSTA, BRANDÃO, COSTA, 2014, p. 13). Nesse caso, as ligações entre turismo e o lugar:

[...] parecem-nos particularmente importantes no tecido das práticas turístico-culturais da sociedade contemporânea. É neste sentido que as novas cumplicidades entre turista/visitante e o lugar representam, para a sociedade contemporânea, um elo entre a tradição e a modernidade e, por isso, uma ligação em construção permanente. (CRAVIDÃO, 2014, p. 60).

Conforme a obra citada, vale salientar que o trabalho artesanal desenvolvido no lugar é um território de memórias, materiais e imateriais. Dessa maneira, “a cultura e os bens culturais exercem uma forte atração podendo, por si sós, dar origem à criação de destinos turísticos” (CUNHA, 2001, p. 122). Para o visitante, conhecer o engenho continua a ser um emaranhado de fronteiras entre o imaginário e o concreto, entre o real e a ficção, em que o lugar adquire cada vez mais um valor simbólico – nesse entremeio, o turismo cultural urbano ainda é um campo completamente aberto para se desenvolver em Riverlândia.

Assim, já não causam surpresa as palavras de Santos e João Albino Silva (2015), que asseveram que os novos saberes, talvez não na sua totalidade, rompem com os modos de vida

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

comercial tradicional e com aqueles que se encontram isolados das influências do mercado e das velocidades do mundo moderno, apresentando suas particularidades e densidades que possuem um movimento direcionado para o fenômeno turismo.

Não podemos deixar de reconhecer que a existência de trabalhadores com o artesanato popular é fundamental para que essa atividade tradicional de Riverlândia tenha conseguido chegar às primeiras décadas do século XXI. Esses sujeitos se fazem presentes em contextos e lugares muito particulares, singulares e sob uma perspectiva única de viver o ofício artesanal. São, porquanto, pessoas sensíveis à confecção de objetos que outros deixaram marginalizados ao longo do tempo.

Considerações Finais

Espera-se que esta pesquisa tenha conseguido apresentar as expressões geográficas culturais e sociais dos moradores do distrito de Riverlândia. Permitindo mostrar o engenho rústico e tradicional como um lugar repleto de particularidades, influências e culturas. Além disso, foi possível compreender que essa paisagem cultural é parte da história do lugar e um atrativo de uma região extremamente independente das lógicas do agronegócio.

Nos trabalhos de divulgação das paisagens turísticas, de lazer e entretenimento desenvolvidos pelos gestores públicos e privados do município de Rio Verde, o distrito de Riverlândia não aparece como um atrativo potencial, mesmo possuindo os tradicionais saberes encontrados no engenho urbano e as outras lógicas de turismo no espaço rural do Vale do Cedro e Fazenda Cabeleira.

No entanto, esse turismo e lazer desenvolvido no espaço rural próximo ao povoado de Riverlândia, ainda deve ser concebido como uma atividade de pequena escala, artesanal, que se bem planejado poderá proporcionar um incremento na qualidade de vida dos moradores locais, tornando uma atividade muito importante no âmbito do desenvolvimento social, econômico e cultural de base local. Compreender o turismo no espaço rural e urbano de Riverlândia requer afirmar que outras lógicas econômicas são possíveis, não anulando as lógicas agropecuárias tradicionais e modernas existentes nessa paisagem.

Durante os trabalhos de campo desenvolvidos foi possível perceber que alguns sujeitos têm se mostrado interessados em abrir suas propriedades para o turismo, visando garantir uma sobre renda à criação de gado e até mesmo ao cultivo da cana-de-açúcar e soja. Busca-se valorizar uma existência rural cheia de particularidades e substâncias, com elementos relacionados ao espaço e tempo de existência dos sujeitos do lugar.

Referências

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BEZZI, M. L. **Região: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas**. Santa Maria (RS): Editora da UFSM, 2004.

BUENO, F. da S. **Minidicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD/Lisa, 1996.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar No/Do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural** (Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta). Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário: atores e cenários em mudanças**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

COSTA, Carlos, BRANDÃO, Felipa, COSTA, Rui; BREDA, Zélia. **Turismo nos países lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios**. Lisboa: Escolar, 2014.

CRAVIDÃO, Fernanda. Velho(s) território(s): novo(s) turismo(s). In Costa, Carlos, Brandão, Felipa, Costa, Rui, & Breda, Zélia. **Turismo nos países lusófonos: conhecimento, estratégia e territórios**. Lisboa: Escolar, 2014, P.59-69.

CUNHA, Licínio. **Introdução ao turismo**. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

DELLA MONICA, L. **Turismo e Folclore: um binômio a ser cultuado**. São Paulo: Global, 1999. 149p.

DIAS, Adriana F. **A Reutilização do Patrimônio Edificado como Mecanismo de Proteção: uma proposta para os conjuntos tombados de Florianópolis**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2005.

FERREIRA, Maria Nazareth. Considerações acerca da cultura subalterna como mercadoria. In: **Globalização e identidade cultural na América Latina**. São Paulo: CELACC, 1995.

GHIRARDELLO, N.; SPISSO, B. **Patrimônio Histórico: como e por que preservar**. Bauru (SP): Canal Seis, 2008.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** Rio de Janeiro: CNFCP, 2003. Disponível em:

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

<http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 18 de abril 2014.

LOPES, Jecson Girão. **As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica.** Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 2, maio/ ago. 2012.

LOURIDO, Clara. **O artesanato no capitalismo avançado: da tradição ao desemprego estrutural, do turismo à decoração.** In: I ENECULT – Encontro Nacional de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: ENECULT, 2005.

MENDES, E. de P. P. Identidades Sociais e suas Representações Territoriais: as comunidades rurais no município de Catalão (GO). IN: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar F; BRAGA, Helaine C. (Org.). **Geografia e Cultura: os lugares de vida e a vida dos lugares.** Goiânia (GO): Editora Vieira, 2008. P.137-165.

RIBEIRO, Berta G. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

SANTOS, J. C. V. **Região e Destino Turístico:** sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares. São Paulo (SP): ALLPRINT Editora, 2013.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de Regionalização e Criação de Destinos Turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano.** Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Instituto de Geografia. Uberlândia (MG), 2010.

SANTOS, J. C. V.; SILVA, João Albino. A Arte da Olaria no Turismo da Região Algarve, Portugal. Turismo. **Revista Visão e Ação** (UNIVALI-Itajaí/SC), v. 17, p. 658-690, 2015.

SANTOS, J. C. V.; GARCIA, D. C.; SANTOS, R. J. Patrimônio Histórico e Arqueológico de Milreu no Circuito Turístico do Algarve - Portugal. In: **UEG em Revista – Revista Científica da UEG/Quirinópolis (ISSN 18067921).** Goiânia (GO): Editora Kelps, 2009, volume 01, número 05. p. 167-189.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. **Espiritualidade, turismo e território.** Estoril: Principia, 2006.

SANTOS, Roosevelt José. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. In. **Revista Sociedade & Natureza**, nº 11, janeiro/dezembro, 1999.

ENGENHO URBANO: reflexões sobre o caso Riverlândia (Goiás)

Jean Carlos Viera Santos
Débora Cristina Barbosa da Silva

SANTOS, R. J.; ALVES, K. B. **Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II.** Uberlândia (MG): Composer, 2005.

SILVA, Débora C. B.; SANTOS, J. C. V. ENGENHO URBANO NOS SERTÕES DE GOIÁS: diversidade e potencialidade turística de base local. In: **IX Simpósio Nacional de Turismo Sertanejo e III Congresso Nacional de Turismo Comunitário**, 2015, São Luís - MA. IX Simpósio Nacional de Turismo Sertanejo e III Congresso Nacional de Turismo Comunitário. São Luís: UFMA, 2015. v. 01. p. 01-12.

SOUZA, Edevaldo A.; SANTOS, Jean C. V. Microrregião Pedra Lisa: Tradições e potencialidades. In: URZEDO, Maria da Felicidade Alves. **Quirinópolis – Cultura e Desenvolvimento Regional: mãos e olhares diferentes III (1832-2014).** Goiânia: Kelps, 2014. P. 473-493.

TIRADENTES, Leomar. TURISMO NO ESPAÇO RURAL: realidade ou possibilidade? In: **IX Simpósio de Geografia Vale do Paranaíba (Por uma Geografia do Turismo de Base Local: desafios e possibilidades no Cerrado)**, 2012. Quirinópolis (GO): UEG/ Universidade Estadual de Goiás, Maio/2012. Cd/v.

VERA, J. Fernando; PALOMEQUE, F. Lópes; MARCHENA, Manuel J.; ANFON, Salvador. **Análisis territorial del turismo.** Barcelona: Ariel, 1997.

YAZIGI, Eduardo (Organizador). **Turismo e Paisagem.** São Paulo. Editora Contexto, 2002.

ZUIN, Poliana Bruno; ZUIN, Fernando Soares. (2009). **Tradição e Alimentação.** Aparecida (SP): Editora Ideias & Letras.